



# XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

---

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

---

AS (RE) SIGNIFICAÇÕES DE PAISAGENS EM UM RECORTE ESPACIAL DA CIDADE DO  
RECIFE

**Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo** (UPPE) - veramelo@hotmail.com.br

*Arquiteta, Doutora em Ciências Geográficas, professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFPE*

# AS (RE) SIGNIFICAÇÕES DE PAISAGENS EM UM RECORTE ESPACIAL DA CIDADE DO RECIFE

---

## RESUMO

A proposta deste texto é interpretar as (re) significações de paisagens em um recorte espacial dos bairros da Torre e da Madalena, localizados na Avenida Beira Rio, às margens do rio Capibaribe na cidade do Recife, resultante da (trans) formação deste recorte, tendo como base os parâmetros instituídos pela lei de uso e ocupação do solo, n. 16. 176/96, que permite que se estabeleça uma nova “*ordem vertical*”, implantada pelo setor imobiliário, com o intuito de atender a necessidade de consumo da sociedade contemporânea, tendo como resultado novas paisagens. A (trans) formação das paisagens ocorre ao longo do tempo, como um produto social, modelada pela ação intencional do homem, deixando “marcas” impressas nos tecidos urbanos das cidades, decorrentes de várias expressões culturais, baseadas em valores, crenças e interesses, possuindo diferentes significados para aqueles que (trans) formam, e vivenciam estas paisagens. Neste contexto, cabe questionar: Quais os (re) significados destas paisagens no século XXI para os atores envolvidos no processo de (trans) formação dos bairros da Torre e da Madalena?

**Palavras – chave:** Paisagem cultural, (re) significados, bairros Torre e Madalena.

## INTRODUÇÃO

As paisagens das cidades expressam “marcas” que foram sendo impressas ao longo da sua formação, como resultado do conjunto de ações empreendidas pelos grupos sociais que as produziram e (trans) formaram baseados em diferentes valores, crenças, utopias e interesses. Para entender estas “marcas” impressas pelo homem é necessário entender as relações que ele foi estabelecendo com o sítio onde se originou as cidades e interpretar os significados que envolvem esta relação. De acordo com Cosgrove e Daniels (2000, p.1)

[...] os significados do verbal, do visual e das paisagens construídas apresentam uma história complexa. Para compreender a paisagem construída é geralmente necessário compreender as suas representações verbais e escritas, não como ‘ilustrações’, como imagens externas a ela, mas como imagens constituintes de seu[s] significado [s]<sup>1</sup>

No entanto, o fato de a paisagem ter uma dimensão subjetiva, não quer dizer que ela deixe de ter uma dimensão objetiva. Portanto, a concepção de paisagem neste texto, tem como entendimento, que ela não deve ser considerada, apenas, segundo a sua representação, pois tem como base um sítio, um território, possuindo uma dimensão visível e concreta (BESSE, 2006, p.64). Assim, uma característica da paisagem cultural é ter ao

mesmo tempo uma dimensão objetiva e subjetiva, portanto, ela deve ser interpretada segundo estas duas dimensões.

É neste contexto que serão interpretadas as re (significações) de paisagens em um recorte espacial da cidade do Recife, que resultam do processo histórico de suas apropriações e ocupações que são histórica e geograficamente específicas. Durante este processo, essas paisagens inspiraram as mais diversas representações revelando a multiplicidade de significados que delas emanam. Tendo em vista, estas colocações, teceremos algumas reflexões sobre a seguinte questão: Quais os (re) significados das paisagens dos bairros da Torre e da Madalena no século XXI para os atores envolvidos no processo de (trans) formação no recorte localizado na Avenida Beira Rio?

Com o objetivo de interpretar os (re) significados da paisagem neste recorte espacial, para os grupos culturais que as tem produzido e vivenciado no século XXI, serão utilizadas algumas representações retratadas em iconografias, relatos, crônicas e depoimentos orais, considerados produtos culturais.

No entanto, ao serem utilizadas como base de interpretação as representações, tem-se a considerar que como a paisagem é um resultado de uma construção social, pois expressa a ação humana, ela tem como fundamento material, as “marcas” que configuram camadas, expressando as heranças que reproduzem as sucessivas relações estabelecidas entre o homem e a natureza. Corroborando com este pensamento, Berque (1999, p.33) afirma que a paisagem é simultaneamente matriz e marca,

Paisagem Matriz na medida em que as estruturas e formas da paisagem contribuem para a perpetuação de usos e significações entre as gerações; Paisagem Marca, na medida em que cada grupo grava em seu espaço os sinais e os símbolos de sua atividade.

No contexto deste trabalho, trataremos das “marcas” impressas na paisagem pelos grupos sociais dominantes, que produzem paisagens com base em suas concepções de mundo, e que são as mais visíveis na cidade do Recife.

Segundo os pressupostos de Berger (1972)<sup>2</sup>, as paisagens não são neutras, mas refletem as relações de poder e as “maneiras de ver” dos grupos sociais dominantes (MCDOWELL, 1996, p.175), que produzem paisagens de acordo com a sua concepção de mundo, baseados em diferentes valores, crenças, utopias e interesses. Como as “maneiras de ver” são culturais, existem diferentes formas de produzir as paisagens, pois a cultura não está presente “da mesma maneira em todos os representantes de uma sociedade”<sup>3</sup>, como também, dentro de uma mesma sociedade existem diferentes culturas. Sendo assim, ela não é homogênea, segundo Mitchell (1999, p.31) a “cultura é simbólica, ativa, constantemente sujeita às mudanças e marcada por relações de poder, a cultura existe e se reflete concretamente na paisagem”.

Tendo em vista estas colocações, a abordagem deste texto terá como base a dimensão cultural da paisagem. Segundo a concepção de Claval (1999, p.10) a cultura é:

A soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que [dela] fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra.

Visando a tecer considerações sobre a questão proposta, este texto será estruturado em dois itens. No primeiro, será abordado como foram sendo representadas algumas paisagens na cidade do Recife, entre o século XVI e o século XX, através das iconografias, poesias e historiografia, que são produtos culturais. Através destas representações serão interpretados os significados destas paisagens para aqueles que as produziram, vivenciaram e a elas atribuíram valores, sobretudo, o valor simbólico que foi sendo incorporado à memória coletiva, através das “marcas” que foram deixando na paisagem.

No segundo item, interpretaremos como a paisagem dos bairros da Torre e Madalena, em um recorte espacial da Avenida Beira Rio, está sendo (re) significada, a partir da mudança de valores baseada no “consumo visual” da sociedade recifense. Com base neste novo valor, alguns agentes do setor imobiliário têm investido neste trecho, com a construção de altos edifícios multifamiliares, utilizando como estratégia para venda das unidades habitacionais, campanhas publicitárias utilizando como estratégia de “marketing”, folders e periódicos, veiculando a imagem do rio Capibaribe, incorporado na memória coletiva dos moradores desta cidade, como símbolo<sup>4</sup>.

## 1. SIGNIFICAÇÕES DE RECORTES DE PAISAGENS NA CIDADE DO RECIFE

As primeiras marcas inscritas no sítio do Recife, no final do século XVI, pelos colonizadores portugueses, segundo a sua “maneira de ver” foram o porto, localizado no povoado do Recife, e os engenhos de açúcar, localizados nas várzeas dos rios Capibaribe, Beberibe e Tejipió, representados na figura 1.

Este sítio natural tinha uma posição geográfica privilegiada para abrigar um porto devido a existência de um ancoradouro natural resultante da proteção dos recifes e também por esta



Figura 1: A Vila de Olinda e o Porto do Recife.  
Fonte: Reprodução do Códice dos Roteiros da Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

planície apresentar algumas áreas de desembocaduras de rios, sendo a mais importante a do rio Capibaribe.

Devido a esta situação fisiográfica foram criados 16 engenhos de açúcar ao longo das várzeas fluviais desse rio entre eles o Torre e Madalena, que serão o foco de interpretação dos (re) significados de um recorte da paisagem desses bairros na atualidade. A exploração agrícola nestes engenhos resultou no tipo de economia e sociedade existente naquele período. Como o rio era a única via de ligação existente entre os engenhos e o porto, a historiografia da cidade aponta os diversos tipos de usos, como podemos constatar na descrição de Freyre(1951:57-63):

No Nordeste da cana de açúcar, a água foi e é quase tudo. Sem ela não teria prosperado do século XVI ao XIX uma lavoura tão dependente dos rios, dos riachos e das chuvas; tão amiga das terras gordas e úmidas [...] rios sempre bons e serviçais, prestando-se até para lavar os pratos da casa(...) passeios de canoas [...] mudanças de móveis em botes.

Assim, devido a esses tipos de usos, estabeleceu-se uma relação entre o rio e os moradores das suas margens. Para Meneses (2002, p.40), é nos usos “que se concentram os significados mais profundos da paisagem”. Assim, foi atribuído ao rio Capibaribe um valor utilitário pelos moradores do povoado do Recife. Vale salientar que “valor” não é uma característica inerente ao objeto, mas segundo Connor (1994) algo que lhe é atribuído. A partir deste pressuposto, pode-se dizer que a noção de valor é relativa e tem múltiplas interpretações, variando de cultura para cultura.

Durante os séculos XVII e XVIII, o rio Capibaribe foi direcionando o processo de expansão da cidade, no sentido leste/ oeste. Através desse trajeto foram deixadas marcas, como os povoados e antigos engenhos, como o da Torre e da Madalena, que começaram a ser desmembrados e transformados em sítios e chácaras. Essas marcas, segundo Meneses (2002, p.36), constituem “‘traços fósseis’ que conduzem ao entendimento da formação geomorfológica e social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo”.



Figura 2: Jardins da Rua do Sol, Recife, século XIX..

Outro período, marcado por grandes transformações na paisagem do Recife, tanto na urbana como nos seus arredores, foi o século XIX. Isso ocorreu a partir da abertura dos portos às nações amigas, em 1808, integrando o Brasil no circuito do comércio internacional.

As primeiras mudanças relevantes ocorridas

na cidade passaram a ser implementadas na gestão de Francisco do Rego Barros, o conde da Boa Vista, que governou Pernambuco entre 1837 e 1845. O governador convidou para participar da sua administração, técnicos e trabalhadores franceses, coordenados por Louis Vauthier, visando a dar um caráter “moderno” à organização urbana da cidade (MELO, 2003, p.85).

Nesse contexto, as propostas de urbanização da cidade foram sendo implementadas, segundo uma “maneira de ver” europeia. Nesse sentido, foram construídos às margens do rio Capibaribe, na área urbana, o palácio do Governo, a penitenciária, o teatro Santa Isabel, assim como foram criados passeios públicos, praças e jardins ribeirinhos, incluindo alguns trechos da rua da Aurora e da rua do Sol, como pode ser visto na figura 2. E assim o rio foi-se impondo à cidade construída, sem permitir que ela se fechasse a ele, constituindo-se o elemento marcante da paisagem urbana.



Nos arredores do Recife, os sítios e chácaras situados às “Várzeas do Capibaribe”, foram se multiplicando neste período, para serem ocupadas em caráter sazonal por famílias que faziam parte da aristocracia, que utilizavam o rio para banhar-se, visando ao tratamento de doenças e o lazer. As casas eram construídas de frente para o rio, e constituíam o perfil de ocupação desses arredores, como podemos

ver na figura 3, representando as paisagens da passagem da Madalena.

Nesse período, as paisagens do rio Capibaribe, também foram representadas por poesias e relatos de viajantes que estiveram na cidade do Recife e que a compararam a cidades em cuja paisagem a água, as pontes e os canais eram um elemento marcante, como Hamburgo, Amsterdã e Veneza. Estas paisagens também foram representadas pelos que as vivenciavam, através das poesias, crônicas e demais produções literárias. Joaquim Nabuco (apud GOMES, 1997, p. 90) ao representar a cidade do Recife, comparou as suas diferenças e similaridades com Veneza, em uma carta publicada n’O Paiz, no final do século XIX. De acordo com a sua “maneira de ver”,

[...] O Recife [...] como Veneza é uma cidade que sai da água e que nela se reflete, é uma cidade que sente a palpitação do oceano no mais profundo dos seus recantos; como Veneza ela tem um céu azul que parece lavado em suas águas, [...], e, por fim, como Veneza ela tem um passado

que a coroa como uma auréola e que brilha ao luar sobre suas pontes e as suas torres como a alma de uma nacionalidade morta! Melhor porém do que em Veneza, os canais do Recife são rios, a cidade sai da água doce e não da maresia das lagoas, o seu horizonte é amplo e descoberto, as suas pontes são compridas como terraços suspensos sobre a água, e o oceano vem se quebrar diante dela em um lençol de espumas por sobre o extenso recife que a guarda como trincheira, genuflexório!

Considerando estas representações podemos interpretar o significado das paisagens para aqueles que as (re) produzem e as vivenciam. Segundo Lynch (1999, p.16), algumas “(...) imagens públicas, (que são) as representações mentais comuns que existe em grande número de habitantes de uma cidade”, por serem carregadas de recordações e de significados, podem ser consideradas símbolos. Assim, o rio Capibaribe passou a incorporar o valor simbólico a outros valores, como o lazer, o medicinal, além do valor utilitário.

Apesar desses valores atribuídos pelos recifenses as paisagens do rio Capibaribe, mudaram as relações dos moradores da cidade com este rio, pois a partir do final do século XIX, ele passou a ser poluído. Além disso, outros fatores, como as cheias que se sucediam, afetando a população ribeirinha e o advento do veículo, que propiciou a crescente abertura de vias, contribuíram para que as habitações unifamiliares, localizadas em alguns subúrbios, às margens do rio Capibaribe, passassem a ser construídas com a frente para as vias e não mais para as margens do rio. Neste contexto, mudou os valores atribuídos ao rio Capibaribe, só se mantendo o seu valor simbólico, pois este está incorporado na memória coletiva. Assim, este valor também foi sendo incorporado a alguns subúrbios e depois bairros que estavam localizados às margens deste rio.

Neste caso está incluído o subúrbio da Madalena, que ainda nesse período, continuava a ser freqüentado pelas famílias abastadas, diferente do subúrbio da Torre onde foi implantada uma fábrica têxtil. Devido à construção dessa fábrica, nesta área foram construídas vilas operárias, havendo uma desvalorização econômica dos terrenos deste subúrbio (MELO e COSTA, 2009, p.133).

No século XX, esta desvalorização se estendeu para o subúrbio da Madalena, pois os sítios e chácaras foram parcelados, dando lugar a lotes menores, com a construção de moradias, na sua maioria unifamiliares. Contribuiu com esta desvalorização a ocupação às margens do rio Capibaribe por setores de renda baixa que passaram a construir os “mocambos”, nesses dois bairros. Assim, estes bairros passaram a compartilhar espaços muito distintos, porém muito próximos.

Com relação ao rio Capibaribe, devido a crescente poluição das suas águas, no início do século XX, os moradores passaram a tomar banho de mar nas praias de Olinda e de Boa Viagem, havendo um valorização na orla marinha e não mais na fluvial. No entanto, mesmo havendo uma mudança de uso e de valores atribuída ao rio, com as suas paisagens não



sendo mais vistas, na maioria dos 21 bairros cortados por ele, o seu valor simbólico foi perpetuado entre as gerações. Tanto que, no final do século XX, o rio Capibaribe e as pontes que ligam os bairros centrais, foram escolhidos pela população recifense como o símbolo mais representativo da cidade, em algumas pesquisas realizadas<sup>5</sup>, ou seja, esta fisionomia resultante da ação humana ao longo do tempo, carregada de significados para a população recifense é a identidade da cidade.

Através de algumas marcas impressas em alguns bairros localizados às margens do rio Capibaribe na cidade do Recife, segundo a “maneira de ver” de grupos dominantes até o século XX, pôde ser interpretado os significados dos símbolos existentes nestas paisagens, através das representações daqueles que as produziram e vivenciaram.

## **2. A (RE) SIGNIFICAÇÃO DAS PAISAGENS DA TORRE E MADALENA NO SÉCULO XXI**

Com o objetivo de interpretar os (re) significado da paisagem localizada às margens do rio Capibaribe, nos bairros da Madalena e da Torre, para os grupos culturais que as têm produzido e vivenciado, no século XXI, é importante interpretar as marcas impressas nestas margens, resultante da “maneira de ver” desses grupos baseado em um conjunto de valores, crenças, utopias e interesses.

As paisagens ao serem produzidas, vão se constituindo em camadas históricas que ao longo do tempo vão se superpondo. Nesse processo, algumas dessas camadas permanecem como marcas da ação humana, sendo acrescentadas por outras, conservando alguns marcos inscritos nas paisagens. Enquanto que outras vão sendo apagadas intencionalmente.

Com relação aos bairros analisados, os marcos que permanecem na paisagem do bairro da Madalena são os casarões do século XIX, mostrados na figura 3, localizados às margens do rio Capibaribe, conhecido como o casario da Benfica, protegido como Zona Especial de Preservação Histórica - ZEPH. Apesar de protegido por lei esses casarões possuem muros altos que interceptam a sua relação com a rua, só podendo ser visualizados da outra margem do rio Capibaribe, no bairro do Derby.

Outro marco que permanece na paisagem do bairro da Torre é a chaminé da antiga fábrica como pode ser observado na figura 4. No entanto, a crescente verticalização que tem ocorrido neste bairro, tem feito com que esta chaminé esteja perdendo a sua importância como marco na paisagem, devido aos edifícios multifamiliares de elevado gabarito, que competem com este artefato cultural. Este marco contribui para a manutenção da memória coletiva, auxiliando a “compreender o significado da estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitetura da cidade, que é a forma dessa individualidade” (ROSSI,



1995, p.199). Portanto, o desaparecimento deste elemento na paisagem da cidade irá alterar a relação de determinados grupos sociais com este ambiente.



Figura 4: Chaminé da fábrica da Torre. Fonte: Ricardo Oliveira, janeiro de 2010.

As paisagens dos bairros da Madalena e da Torre, na área localizada às margens do rio Capibaribe vêm passando por um rápido processo de transformação, decorrente de alguns fatores de ordem material e imaterial.

Os fatores de ordem material são: A construção da Avenida Beira Rio, criada com o objetivo de facilitar a mobilidade, através da ampliação do sistema viário com a alternativa de ligações interbairros; a lei de uso e ocupação de solo 16.176, criada em 1996, que permite um alto potencial construtivo, levando a verticalização das edificações e a falta de disponibilidade de terrenos na orla marinha, especificamente em Boa Viagem, fazendo com que voltasse a ser valorizado a orla fluvial.

Com relação ao fator de ordem imaterial, contribuiu para estas transformações, a mudança de valores culturais e de interesses da sociedade recifense, pautada em valores da sociedade contemporânea. Para Huysens (apud HARVEY, 2002, p.45) existe

[...] uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais [...]. A natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis. [...] Não quero ser entendido erroneamente como se afirmasse haver uma mudança global de paradigma nas ordens cultural, social e econômica; [...]. Mas, num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação da sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto “pós-moderno” de pressupostos, experiências e proposições de um período antecedente.

Neste contexto, apesar da cidade do Recife conter traços culturais particulares da sua formação sócio-econômica ao longo da sua história, esses traços foram sendo permeados, desde o período da colonização, por uma “maneira de ver” européia, na organização urbana da cidade e nos seus artefatos arquitetônicos, na busca da “modernidade”.

Por outro lado, contribui com este contexto, o fato dos bairros da Torre e Madalena terem influenciado o processo de formação da cidade do Recife. Assim, pode-se dizer que eles estão impregnados de valor simbólico para a sociedade local, haja vista que entre os séculos XVII, quando estes bairros eram engenhos, e no século XIX, quando se transformaram em sítios e chácaras, as famílias que neles residiam, representavam o poder econômico e social desta cidade. Segundo Melo (1996, p. 10-11), o processo de verticalização que vem ocorrendo na cidade do Recife está estreitamente relacionado com a organização sócio-cultural da nossa sociedade. Para esta autora,

A política e cultura no Recife foram forjadas por uma sociedade agrária, vinculada desde a época da colonização ao mercado mundial. Assim, à medida que a cidade conheceu um intenso crescimento demográfico e foi se estruturando socialmente, ela elaborou traços particulares nos quais estão presentes os componentes de sua formação histórica. Um desses traços é a mentalidade conservadora que se manifesta tanto na vida política quanto no estilo de vida. [...]. É sintomático que no seio das classes médias e ricas, existe sempre um conflito entre a tradição e a modernidade, entre o agrário e o urbano.

Como consequência deste contexto, foram sendo impressas nas paisagens dos bairros da Madalena e da Torre as “novas” marcas produzidas segundo a “maneira de ver” dos grupos sociais dominantes, representados pelo setor imobiliário e pelos compradores destes imóveis, os moradores da Avenida Beira Rio, pertencentes a setores de renda média - alta e alta da sociedade. Os primeiros disponibilizam as unidades habitacionais, que se configura na oferta, e os segundos, são os consumidores que têm o poder aquisitivo para adquirir estes imóveis configurando a demanda. Isto consolida uma relação de parceria entre oferta e demanda, onde um não existe sem o outro (COSTA, 2010, p. 60).

Assim, quando foi construído o primeiro trecho desta Av., durante o ano 2000, ainda existia dois assentamentos populares, às margens do rio Capibaribe, por ser considerada uma área desvalorizada. No entanto, devido a retirada dos assentamentos populares, no ano de 2004, e a construção do trecho desta avenida entre a ponte da Torre e a rua Marcos André, em 2006, houve nesta área uma mudança muito rápida nos padrões construtivos até então existentes, passando a ter uma homogeneização e uma desistorização dessas paisagens (MENESES, 2002, p.09.) Segundo Zukin (1996, p.205, p.91), tem havido uma diferença na maneira de se organizar a “paisagem urbana pós-moderna”, pois

[...] o consumo visual do espaço e do tempo se encontra [...] acelerado, [...]forçando uma dissolução das identidades espaciais tradicionais e sua reconstrução sobre novas bases. [...] [Assim], o processo social de construção de uma paisagem pós-moderna depende da fragmentação econômica das antigas solidariedades urbanas e de uma reintegração que é fortemente matizada pelas novas formas de apropriação cultural. A genialidade dos investidores imobiliários, neste contexto, consiste em inverter a narrativa da cidade moderna, tornando-a um nexos fictício, uma imagem [...],um panorama onírico de consumo visual.



Figura 5: Vista de uma das varandas de um edifício.  
Fonte: Folder de um dos empreendimentos.

Tendo como base esse pressuposto alguns agentes do setor imobiliário têm investido neste trecho da Av. Beira Rio, com a construção de altos edifícios multifamiliares, com as varandas de frente para o rio Capibaribe, passando esta área a ser (re) valorizada economicamente, ao ser veiculada a paisagem do rio

rio Capibaribe, conforme pode ser visto na figura 5.

Neste contexto, os investidores imobiliários visando a atender a necessidade de “consumo visual”, dos setores de renda média - alta e alta, que são os moradores desta área (Melo e Costa, 2009, p.133), se baseiam em campanhas publicitárias utilizando como estratégia de “marketing” para a venda das unidades habitacionais, folders e periódicos, onde a “linguagem” escrita defende a necessidade de convivência entre as novas edificações e as antigas, se baseando no respeito a “tradição”, sendo o valor de tradição utilizado, contraditoriamente, para justificar a destruição paulatina das marcas concretas da tradição, e que faz parte da memória coletiva. Portanto, as paisagens atuais na cidade do Recife, em algumas áreas, entre elas os bairros da Torre e Madalena, segundo Costa (2010, p.56),

[...] são caracterizadas pelo forte apelo da imagem visual. As áreas históricas passam a ser vistas como espaços mercantilizados, tendo seu valor [histórico] usado para justificar sua permanência, sendo defendida pelo setor imobiliário nas suas campanhas publicitárias, a importância da convivência da relação entre os artefatos construídos novos e antigos na cidade do Recife.

Neste contexto, de acordo com depoimentos de representantes do setor imobiliário:

O rio resgata a origem da cidade. A Beira Rio tem o charme e a distinção que Boa Viagem não pode ter porque é um bairro novo. [...] As pessoas que moram na zona norte são mais tradicionais, [...]. O que pesa realmente são as tradições.

Outro depoimento reforça: “Os edifícios resgatam a tradição das antigas moradias existentes nas margens do rio Capibaribe que antigamente eram voltadas para o rio.”<sup>6</sup>

Corroborando com esta “maneira de ver”, o depoimento de alguns moradores da Av. Beira Rio, ao explicitar que entre os fatores preponderantes da escolha desta área para morar, está o rio: “[...] Sempre desejei morar perto do rio. Acho que por causa da minha família e da minha descendência de família de engenheiros.” Em outro depoimento, foi dito: “[...] o rio e os

outros edifícios que estão nas imediações do meu, tudo isto dá um ar aristocrático ao bairro. Aqui se vê que não são todas as pessoas que podem morar na Avenida Beira-Rio.”<sup>7</sup>

Estes depoimentos demonstram que a preferência dos moradores destes edifícios em manter o vínculo com esta área da cidade está pautada pelos valores simbólicos. No entanto, estes valores foram atribuídos a partir das marcas que foram sendo impressas ao longo da história e que foram se sedimentando na memória coletiva.

A partir da constatação da verticalização dos artefatos arquitetônicos inscritos na paisagem do Recife, como resultado das relações estabelecidas entre alguns atores sociais e este sítio, em um Editorial do Jornal do Comércio<sup>8</sup>, os leitores foram chamados a fazer uma reflexão sobre a “ordem vertical” que se estava instalando na cidade. Segundo esse artigo, ao mesmo tempo em que a comunidade reivindica a preservação e a modernização do Recife, através da conservação do verde, da revitalização tanto de áreas históricas como do rio Capibaribe, constata-se que “[...] ao lado das favelas que crescem nas áreas de mangues, às margens do Capibaribe, estão avançando as construções de espigões em bairros tradicionais”. Assim, é importante contribuir com a reflexão sobre quais as paisagens que a sociedade recifense quer ver expressas na cidade do Recife.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através das representações destes produtos culturais pudemos interpretar os (re) significados destas frações de paisagens, para alguns grupos sociais dominantes: os representantes do setor imobiliário, que utilizam as paisagens do rio Capibaribe como valor simbólico a ser incorporado como valor econômico, e os moradores dos edifícios, que utilizam esta paisagem como “consumo visual”. Tendo em vista estas colocações, a paisagem do rio Capibaribe, em recorte dos bairros da Torre e Madalena, passou a ser (re) significada a partir da atribuição destes novos valores.

Neste contexto, a arquitetura que compõe algumas partes da cidade do Recife, no século XXI, vem (trans) formando os símbolos e os significados da cidade. A arquitetura como artefato cultural, portanto, uma produção social, tem estado “constantemente sujeita às mudanças e marcada por relações de poder”, refletindo os valores culturais dos que a produzem, na paisagem. De acordo com Ducan (1990, p.20), as formas que as paisagens tomam, através dos conjuntos arquitetônicos traduzidos por signos, símbolos e ícones, representam a história que os grupos, principalmente os grupos poderosos, contam sobre eles mesmos.

No entanto, como a cultura é herança transmitida de uma geração a outra, assim como os símbolos que constituem esta cultura, cabe questionar: quais os símbolos que queremos deixar perpetuados na cidade do Recife? Os “novos” artefatos culturais que estão expressos

na paisagem representam os valores culturais da maioria da população recifense ou apenas de um grupo social?

Como observamos, a “Matriz” da paisagem da cidade do Recife, não tem contribuído para a perpetuação dos usos e significações entre as gerações, uma vez, que as “Marcas” expressas na paisagem estão mudando paulatinamente, alterando os seus símbolos e significados, o que faz com que ela seja percebida como uma imagem a ser contemplada e consumida, não mais vivenciada pela população (Arantes, 1995).

No entanto, as “paisagens construídas apresentam uma história complexa”, assim é necessário interpretar as “suas representações, (...) não como ‘ilustrações’, como imagens externas a ela, mas como imagens constituintes de seu(s) significado(s)” (COSGROVE e DANIELS, 2000, p.1). Neste sentido, para entendermos as marcas impressas nas cidades, e expressas na paisagem, é necessário interpretar a sua dimensão cultural através do estudo da paisagem.

---

<sup>1</sup> - [...] the meanings of verbal, visual and built landscapes have a complex interwoven history. To understand a built landscape [...] it is usually necessary to understand written and verbal representations of it, not as ‘illustrations’, images standing outside it, but as constituent images of its meaning or meanings.

<sup>2</sup> - Ver na obra de Berger, J. “Modos de Ver”, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A. (1974), sobre as relações de poder baseadas na “maneira de ver” das classes dominantes.

<sup>3</sup> - “[...] de la même manière chez tous les représentants d’une sociétés”. Editorial do periódico Géographie et Culture (1992:4-5), n°1.

<sup>4</sup> - De acordo com Chevalier, J. & Gheerbrant, “o símbolo escapa a toda e qualquer definição, porque ele possui vários sentidos”. Assim, os autores propõem um “quadro de orientação”. Nesse sentido, eles sugerem que um símbolo é mais que um signo ou sinal, porque ele vai além do significado e depende da interpretação que lhe dão, assim como está pleno de afetividade e de dinamismo. p. XIII e XVIII. Ver Dicionário de Símbolos, p.XII-XLI.

<sup>5</sup> - Entre os dias 18/09 e 18/10/97, foi promovida pelo Banco Itaú a campanha Eleja o Recife: entre cinco pontos turísticos, o rio Capibaribe e suas pontes foram eleitos com 48,65% de 1.159.038 votos.

<sup>6</sup> - Depoimentos obtidos através de entrevista feita entre 05/02/2009 e 20/03/2009.

<sup>7</sup> - Depoimentos obtidos através de entrevista feita entre 05/02/2009 e 20/03/2009.

<sup>8</sup> - Jornal do Comércio, 05/ 04/2000, Primeiro Caderno, Editorial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros, Dissertações e Teses

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: EDUSP, 1995.

BERGER, J. **Modos de Ver**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A, 1994.

---

BERQUE, Augustin. **Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural.** In: CORRÊA, R. L. A. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998, p. 84-91

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a arquitetura e a geografia.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1991.

CLAVAL, Paul. **A paisagem dos geógrafos.** In: CORRÊA, R. Lobato e ROSENDHAL, Zeny. (Org.) **Paisagens, textos e identidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, pp. 13-74.

CONNOR, Steven. **Teoria e valor cultural.** São Paulo, Loyola, 1994.

COSGROVE, Denis & DANIELS, Steven (Org.). **The iconography of landscape.** Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

COSTA, Juliana. **A Paisagem do rio Capibaribe como estratégia de *marketing* para o setor imobiliário.** Dissertação de Mestrado, MDU- UFPE, 2010.

DUNCAN, James. **The City as Text: the politics of landscapes interpretation.** USA, Cambridge University Press, 1990.

FREYRE, Gylberto. A cana e a água. In: **Nordeste - Aspectos da influência da Cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil.** José Olímpio Editora, 1951.

GOMES, Edvânia. **Recortes de Paisagens na Cidade do Recife – Uma abordagem geográfica.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo - USP, 1997.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 2002.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MCDOWELL, Lina. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et al (Org.). **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

MELO, Vera Mayrinck. **Um recorte da paisagem do Rio Capibaribe: seus significados e representações.** Tese. (Doutorado em Ciências Geográficas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MELO, Vera Mayrinck e COSTA, Juliana. **O rio Capibaribe: da paisagem emoldurada no século XVI às paisagens mercadorias.** In: AMORA, Ana e GAZZANEO, Luiz (ORG). **Ordem, Desordem, Ordenamento: Cidade, História e Patrimônio.** Rio de Janeiro, Coleção PROARQ- UFRJ-FAU, 2009, pp. 132-146.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A paisagem como fato cultural.** In: YÁGIZI, Eduardo e SERPA, Ângelo (ORG). **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002, pp. 29-64.

---

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**, São Paulo, Martins Fontes, 1995.

### **Periódicos**

Editorial do periódico *Géographie et Culture* 1992, nº1.

Jornal do Comércio, 05/ 04/2000, Primeiro Caderno, Editorial.

ZUKIN, Sharon. **Paisagens urbanas pós-modernas**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, No. 24 Rio de Janeiro, 1996, pp. 80-103.

### **Endereços Eletrônicos**

MELO, Norma Lacerda de. **A produção social dos interesses fundiários e imobiliários – o caso de Recife**, In: Caderno do CRH, Vol. 09, No. 24, 1996, Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=186&locale=it&locale=pt>